HIV/AIDS, GLOBALIZAÇÃO E SEGURANÇA ONTOLÓGICA: desafios comunicativos chave na prevenção do hiv/aids

TUFTE, Thomas
Professor do Departamento de Comunicação
Roskilde University - Roskilde / Dinamarca
E-mail: ttufte@ruc.dk

RESUMO
Este artigo busca delinear a inter-relação entre o processo de globalização e a disseminação do HIV/AIDS. Para dar conta deste propósito, o artigo parte da hipótese fornecida pelo antropólogo hindu-americano Arjun Appadurai para argumentar que a migração em massa e o desenvolvimento da mídia eletrônica são elementos-chave que contribuem para o crescente sentimento de instabilidade na produção das subjetividades modernas. Denomino esse sentimento de "insegurança ontológica". Desta forma, o artigo argumenta em favor da existência de uma interconexão entre o processo de desenvolvimento global, a disseminação do HIV/AIDS e o sentimento existencial de insegurança ontológica. A partir dessa introdução, o artigo avalia os desafios chave da comunicação e prevenção ao HIV/AIDS dentro do contexto mais amplo da globalização econômica e cultural e explora quais conseqüências as questões listadas acima terão na prática da comunicação relacionada ao HIV/AIDS.

Palavras-chave: Globalização. Segurança ontológica. HIV/AIDS

1 INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a história da comunicação e prevenção do HIV/AIDS está próxima do desastre devido à falta de resultados obtidos, especialmente quando falamos em combater o HIV/AIDS nos países em desenvolvimento. Algumas pessoas e organizações argumentam, com razão, que há casos de países, como Senegal, Uganda e Tailândia, que responderam à pandemia com algum impacto digno de nota. Entretanto, numa escala global, os fatos em si deixam a questão muito clara: nenhum país em desenvolvimento que tenha uma séria pandemia de HIV/AIDS está sequer próximo de qualquer tipo de solução, tendo apenas alcançado impacto limitado no uso da comunicação para prevenir o alastramento da pandemia.

Essa situação levanta uma série de questões, tais como: por que os resultados das experiências passadas têm sido tão limitados? O que houve de errado nas estratégias usadas, e como isso pode ser modificado no futuro? Um problema-chave, que tem sido cada vez mais levantado, é o fato de que as causas primordiais do HIV/AIDS não têm sido abordadas (Panos 2001, UNAIDS 1999). Este artigo partirá deste ponto, chamando a atenção para alguns desafios fundamentais para o desenvolvimento que estão na essência do problema: os desafios da globalização econômica e cultural. Nosso argumento é o de que uma das conseqüências da globalização econômica e cultural ora em curso é a emergência daquilo que o antropólogo indiano Arjun Appadurai chama de "novas condições de instabilidade na produção das subjetividades modernas" (Appadurai 1996:4).

Appadurai destaca duas questões-chave que caracterizam a atual transformação da sociedade: a migração em massa e a mediação eletrônica. Neste processo de transformação, com a migração em massa e a mediação de massa, a conseqüência para muitos indivíduos é - contrariando um conceito de Anthony Giddens - a articulação da *in*segurança ontológica. Sendo o lado "negativo" da moeda, e tendo impacto não apenas entre amplas populações nos países em desenvolvimento mas também, por exemplo, na Europa Oriental, a globalização econômica e cultural está resultando em marginalização

social e desempoderamento. A tais conseqüências segue-se um crescente sentimento de instabilidade na produção das subjetividades modernas. As pessoas não compreendem os atuais processos de desenvolvimento e sentem-se inseguras a respeito deles. Esses sentimentos freqüentemente transcendem o choque entre tradição e modernidade e é mais relativo à habilidade ou inépcia do indivíduo de controlar as condições de seu próprio cotidiano.

Assim, o argumento deste artigo é o de que uma revisão crítica da comunicação em HIV/AIDS é necessária nesse contexto, a fim de problematizar também o lado negativo dos processos atualmente em desenvolvimento. A hipótese é a de que muitas das causas primordias do HIV/AIDS, sejam elas desigualdade de gênero, desemprego ou pobreza, estão intrinsecamente ligadas aos processos de globalização em uma complexa relação de causa e efeito. Portanto, o alastramento do HIV/AIDS e os processos de globalização estão interligados. O desenvolvimento de respostas eficientes exigirá estratégias mais amplas de empoderamento das audiências, a fim de que estas possam lidar com as difíceis condições do dia-a-dia, para além da tradição versus modernidade, e encarar as múltiplas dimensões e conseqüências da globalização. Exigirá enfrentar a condição transcedental da vida diária experimentada por muitos, principalmente por grupos marginalizados nos países em desenvolvimento: a instabilidade na produção da subjetividade moderna de cada um. Para muitas dessas audiências, a comunicação em HIV/AIDS que funciona será a comunicação para a mudança social.

2 OBJETIVOS-CHAVE

Meu primeiro objetivo com esse artigo é portanto avaliar os desafios-chave na comunicação e prevenção de HIV/AIDS dentro do contexto mais amplo da globalização econômica e cultural. Em primeiro lugar, é necessário um esclarecimento na identificação do problema. Sem uma identificação precisa do problema sobre como pensar o HIV/AIDS - seja como um problema de saúde, uma questão relacionada à prática cultural ou como um problema global de desenvolvimento - não poderemos começar a desenvolver soluções precisas. Argumentarei que o HIV/AIDS deve ser abordado como um problema de desenvolvimento, o qual é tanto causado por, como igualmente impacta processos contemporâneos de globalização, incluindo questões tais como migração, nova economia e cultura de consumo.

O segundo objetivo do artigo é analisar que conseqüências as questões acima sobre a interdependência entre HIV/AIDS e globalização terão na prática da comunicação em HIV/AIDS. Se assumirmos a existência de uma fundamental e possivelmente crescente "ordem de instabilidade na produção das subjetividades

modernas" na sociedade, como deveríamos então enfrentar o problema do HIV/AIDS a partir de uma perspectiva comunicacional? Argumentar em favor de uma comunicação em HIV/AIDS que gere empoderamento e promova integração social é mero discurso acadêmico abstrato até que caminhos concretos sejam sugeridos. Argumento que o primeiro passo está numa mudança paradigmática na maioria das práticas comunicativas existentes no trabalho de prevenção ao HIV/AIDS. Um repensar em profundidade torna-se necessário; um repensar que se mova para além daquilo que é com freqüência "tido como certo" ou "senso comum" - como a forma de conceber a comunicação presente em muitas instituições que trabalham na prevenção do HIV/AIDS. Num segundo momento, deve-se gerar confiança. Apenas então as audiências se engajarão no texto da mídia e no fluxo da comunicação. Em terceiro lugar, deve-se buscar a relevância e o reconhecimento - nos textos midiáticos, programas e discursos que se movem para além da epidemia e em direção aos contextos mais amplos do cotididano. A quarta questão está ligada a este ponto: métodos e estratégias devem ser identificados por meio de algumas das causas primordiais já citadas, podem ser enfrentados no desenvolvimento concreto de estratégias.

Para alcançar o objetivo dois, um reconhecimento mais forte de como os diferentes paradigmas da comunicação resultam em diferentes práticas comunicativas com diferentes resultados esperados pode muito bem ajudar a focar a estratégia de resolução do problema.

Embora estejamos há mais de 20 anos em epidemia, ainda não abordamos adequadamente as causas primordiais do HIV/AIDS. Mais, e especialmente melhores respostas - que reconheçam a complexidade do HIV/AIDS - são obviamente necessárias para controlar a pandemia (Skuse 2003).

3 A HISTÓRIA DO E A RESPOSTA AO HIV/AIDS

Uma breve retrospectiva nos mostra que a epidemia de HIV/AIDS tem continuamente crescido e se alastrado desde que os primeiros casos foram identificados no início dos anos 80. Mais de 40 milhões de pessoas estão infectadas com o HIV atualmente e mais de 20 milhões de pessoas já morreram de AIDS (UNAIDS 2003).O sul e o leste da África são as áreas mais severamente afetadas, com Botswana tendo aproximadamente 40% das mulheres entre 15-49 anos de idade HIV positivo. Quase um em cada quatro adultos na África do Sul é HIV positivo. A Índia tem a segunda maior população HIV positiva do mundo contando em números absolutos, e a China é uma bomba relógio, sem números confiáveis que realmente revelem a magnitude do problema. As curvas epidemiológicas

do Caribe mostram vários países com um crescimento exponencial da epidemia, o que é também o caso da América Central (UNAIDS 2003).

A Europa e os Estados Unidos conseguiram, no final dos anos 80, conter as curvas epidemiológicas. Grandes campanhas, apoio político e intervenções focadas nos grupos mais vulneráveis da população tiveram impacto. Hoje em dia, entretanto, a Europa encontra-se novamente ameaçada, com altas dramáticas no número de casos de HIV positivo em muitos países da Europa Oriental. A Ucrânia é o país mais atingido, com aproximadamente 1% da população entre 15 e 49 anos de idade sendo HIV positivo (Amon et al 2003). Os epidemiologistas indicam o índice de 1% como sendo o limite crucial entre epidemias que ainda são predominantes em populações vulneráveis (grupos de risco) e portanto mais fáceis de controlar, epidemias que estão se espalhando entre a população em geral e crescendo para além do que é possível controlar. Portanto, considerando as populações que migram em busca de trabalho e a interação em geral entre a Europa Oriental e a Europa Ocidental, há o risco de que o HIV/AIDS possa ressurgir como um problema sério também na Europa Ocidental.

No campo da comunicação e nas campanhas, têm havido fases de maior ou menor atenção dispensadas ao assunto. A antropóloga e diretora do Projeto Sinergia, financiado pela USAID, Barbara Zalduondo, denominou os atuais desenvolvimentos na comunicação em HIV/AIDS como sendo a segunda geração da comunicação em HIV/AIDS (Zalduondo 2001). Os Estados Unidos, desde 2001, tem avançado bastante, parte em sua abordagem conceitual, mas, na prática, principalmente em termos financeiros. A USAID, especialmente a partir de 2002, aumentou radicalmente seu apoio ao combate do HIV/AIDS.

No mundo das ONGs (organizações não-governamentais), um dos centros de excelência é o Centro para Programas de Comunicação, uma instituição independente da Universidade Johns Hopkins em Baltimore. Seu trabalho inclui planejamento familiar, saúde reprodutiva e prevenção do HIV/AIDS em aproximadamente 40 países. Embora o número de ONGs que trabalham na prevenção do HIV/AIDS - tanto em termos de prevenção, cuidado, apoio e tratamento - cresça rapidamente, apenas um número mínimo dessas organizações possui as competências e recursos necessários para o desenvolvimento de intervenções comunicativas bem embasadas em pesquisas, e que possam ser monitoradas e avaliadas, isso sem mencionar o longo prazo. Em nível governamental, muitos países têm sido lentos em reconhecer a magnitude do problema em seus territórios. Somente nos últimos cinco ou seis anos muitos governos se mobilizaram na criação de comitês nacionais de alto nível para combater o HIV/AIDS. Mesmo que muitos governos estejam cada vez mais buscando coordenar e liderar os

mecanismos nacionais de resposta, as ONGs continuam tendo um papel muito importante no combate ao HIV/AIDS, enfrentando as questões mais urgentes em países onde os governos negam e dão baixa prioridade ao problema do HIV/AIDS, ou onde simplesmente há falta de fundos para o combate à doença.

Em nível internacional, o debate sobre como combater o HIV/AIDS ganhou novo alento no final dos anos noventa. Em 1997 a UNAIDS iniciou um processo global de consulta que levou ao desenvolvimento das Diretrizes em Comunicação da UNAIDS (UNAIDS 1999). Dando seqüência ao processo, e reconhecendo a dramática magnitude e severidade da pandemia de HIV/AIDS, existe hoje em dia um debate vívido e contínuo sobre como usar a comunicação na luta contra o HIV/AIDS. Uma parte central desse debate ocorre no website www.comminit.com, que pertence à rede internacional *The Communication Iniciative* (A Inicitativa em Comunicação), a qual foi estabelecida em 1997 por um amplo espectro de entidades e organizações internacionais e não-governamentais.

4 DEFININDO O PROBLEMA DO HIV/AIDS

A primeira questão a abordar é como o desenvolvimento do HIV/AIDS se conecta, particularmente, com os processos da globalização econômica e cultural. Isto nos leva a perguntar: *Como podemos definir HIV/AIDS?* Trata-se de um problema de saúde, de um problema cultural, de um problema sócio-econômico ou algo mais? Obviamente, é um pouco de tudo, mas antes de mais nada meu argumento é o de que o HIV/AIDS deve ser considerado um problema de desenvolvimento, o qual inclui dimensões de gênero, cultura, espiritualidade, condições políticas e sócio-econômicas.

Em algumas regiões do mundo o problema é de tal magnitude que transcende todos os setores tradicionais do desenvolvimento, seja agricultura, educação, transporte, indústria ou saúde. Esse esforço para elucidar claramente como concebemos o problema do HIV/AIDS é crucial pois tem implicações fundamentais para a forma como a solução do problema é organizada e articulada: que instituições setoriais devem ser envolvidas na resposta? Quais ações e atividades são importantes? Quem são os públicos-alvo? Qual é a perspectiva de tempo?

Por muitos anos, o HIV/AIDS tem sido considerado um problema de saúde, onde a solução do problema estava limitada à soluções biomédicas e de saúde pública, as quais envolvem acesso aos serviços de saúde, aconselhamento voluntário e testes, tratamento, cuidado e apoio. A OMS (Organização Mundial de Saúde) foi por muitos anos a organização internacional líder (e principal agência da ONU), e muitos dos

comitês nacionais pioneiros de combate ao HIV/AIDS foram estabelecidos em escalões políticos intermediários, quase sempre dentro dos ministérios da saúde e guiados pela OMS. A principal questão nos primeiros anos da pandemia era definir prioridades entre prevenção e tratamento. Atualmente, a discussão tornou-se mais cheia de nuances. Abordagens mais holísticas desenvolveram-se, reconhecendo a necessidade de lidar tanto com a prevenção, quanto com o cuidado e o apoio aos portadores (Zalduondo 2001, Morris 2003). Hoje, há um forte movimento, cada vez mais crescente, em direção à promoção de tratamentos de massa. A OMS, como agência-chave dentro das Nações Unidas, e os Médicos Sem Fronteiras como organização não-governamental chave possuem papéis vitais nesse movimento. Portanto, em termos de identificação do problema, muitos médicos ainda tendem a abordar o HIV/AIDS como um problema de saúde onde a principal questão é evitar a contaminação pelo vírus, aprender a viver com ele ou, o mais importante: tratá-lo. Os aspectos sócio-econômicos mais amplos do problema do HIV/AIDS ainda não são incorporados pela maioria absoluta dos programas, e os desafios para os programas de HIV/AIDS influenciados pela dinâmica e condições da globalização ainda precisam ser muito melhor compreendidos.

4.1 Cultura, Gênero e Práticas Sexuais

Uma outra abordagem tem procurado compreender o HIV/AIDS como um problema cultural. Neste contexto, o foco tem sido por muito tempo ver a cultura como uma barreira a um comportamento sexual seguro (UNAIDS/Airhihenbuwa et al; 1999). O HIV/AIDS é principalmente uma doença transmitida por via sexual, e a maior parte da comunicação para a prevenção ao HIV/AIDS, tanto passada quanto atual, trabalha na tentativa de modificar exatamente isso: o comportamento sexual. Tais campanhas têm abordado rituais de iniciação, prostituição, abuso infantil, negociação de práticas sexuais e desigualdade de gênero, entre outros assuntos. Freqüentemente as práticas sexuais têm sido vistas e interpretadas principalmente como práticas culturais que se contrapõem ao sexo seguro e portanto tinham de mudar. Sistemas tribais de organização social, estruturas patriarcais e poligamia têm sido vistas como barreiras sócio-culturais chave. Dito de forma tosca, os modos tradicionais de vida têm sido freqüentemente vistos como um problema para o avanço do sexo seguro o qual, em última instância, preveniria o alastramento do HIV. Em anos mais recentes, essas abordagens são menos freqüentes. A questão da cultura e das práticas culturais é cada vez mais enquadrada dentro das condições de um mundo em rápida mudança, onde muitas pessoas são aprisionadas nos conflitos entre tradição e modernidade, e entre

patriarcado e igualdade de gênero. A cultura é cada vez mais compreendida menos como apenas um obstáculo e cada vez mais como um contexto necessário de ação. A cultura pode, assim, ser um recurso no combate ao HIV/AIDS. O que ainda não está elaborado ou bem analisado são as dinâmicas entre as práticas culturais locais e os discursos culturais globais articulados, por exemplo, nos fluxos da mídia, estejam eles no rádio ou nas novelas, nos gêneros musicais ou nos programas de entrevistas.

4.2 HIV/AIDS como um Problema de Desenvolvimento

Hoje, apesar do forte foco no tratamento em curso, existe cada vez mais o reconhecimento da visão do HIV/AIDS como um problema de desenvolvimento. Assim, observa-se uma transferência gradual, porém lenta, dos componentes do HIV/AIDS para os programas setoriais das agências governamentais de desenvolvimento tais como SIDA, DANIDA, DFID e USAID. Entretanto, a análise integral mais ampla do desenvolvimento e da globalização ainda permanece muitas vezes como discurso acadêmico. Essa análise logrou, em alguns graus, conquistar espaço em alguns documentos sobre política de desenvolvimento. Este é o caso do documento de políticas da DANIDA de 2001, o qual expressou a filosofia sobre a qual a estratégia de desenvolvimento da DANIDA foi posteriormente formulada (Danida Analysedokument, veja www.um.dk).

Quanto ao problema específico do HIV/AIDS, perspectivas sociais mais abrangentes são raramente analisadas em qualquer profundidade ou trazidas de qualquer maneira significativa ao problema de identificação e ao desenvolvimento de modelos de resposta(3). Obviamente, poderia-se muito bem abrir mão da esperança e torna-se desiludido se reconhecermos a magnitude e os níveis de complexidade que cercam a questão do HIV/AIDS. No entanto, sem esse reconhecimento, muitas das causas primordiais podem muito bem persistir, e a comunicação e prevenção do HIV/AIDS permanecer como um trabalho de Sísifo.

5 HIV/AIDS E GLOBALIZAÇÃO

Quando argumento que o alastramento do HIV/AIDS está conectado aos processos de globalização, isso deve ser visto tanto como um produto quanto como uma causa da globalização (Altman 2001: 69ff). A complexa relação de causa-efeito entre o alastramento do HIV/AIDS e a globalização pode ser desconstruída em muitos sub-componentes, dos quais os que se seguem são apenas alguns:

5.1 Nova Economia

Embora o HIV/AIDS possa atingir qualquer um, não importa seu status social, o HIV/AIDS é uma epidemia que antes de mais nada atinge os grupos socialmente marginalizados em nosso mundo contemporâneo globalizado. Todas as nações com as mais altas taxas de incidência da doença são, sem exceção, países onde a renda da população é baixa. Sendo assim, o surgimento e o alastramento do HIV/AIDS podem ser vistos como uma conseqüência das implicações sociais negativas que o livre mercado e a nova economia estão tendo na sociedade mundidal. Como o sociólogo polonês Zygmunt Bauman declara, quando reflete sobre a globalização:

'Uma causa em especial de preocupação é o progressivo colapso na comunicação entre as elites, cada vez mais globais e extra-territoriais, e o cada vez mais 'localizado' restante. Os centros de produção de valor e sentido são hoje em dia extra-territoriais e emancipados de barreiras locais - isso não se aplica, no entanto, à condição humana sobre a qual tais valores e sentidos devem informar e tornar inteligível' (Bauman 1998).

Uma desconexão comunicativa está ocorrendo entre as elites cosmopolitas e o resto mais "localizado", e o HIV/AIDS atinge os mais destituídos dentre este resto localizado. O que tem acontecido com o HIV/AIDS transcende significativamente o que, de outra forma, seria um desenvolvimento muito parecido com o que ocorreu com o desenvolvimento do cólera na América Latina no início dos anos noventa. Geralmente, acredita-se que os processos de desenvolvimento não-sustentável abrem caminho para o desenvolvimento de epidemias. Nos anos 80, os seguintes ítens eram fatos na América Latina: dívida interna aumentada, rápida urbanização, degradação ambiental e acesso desigual aos serviços de saúde; além da redução das verbas governamentais destinadas à infraestrutura de saúde pública. O cólera chegou, então, em 1991, espalhando-se rapidamente pelo continente numa epidemia de um milhão e quatrocentos mil casos e mais de dez mil mortes em dezenove países (Lee and Dodgon in Altman 2001:72).

Ligado a tão infelizes ajustes estruturais e processos de desenvolvimento em geral, há uma forte ironia na forma como os programas de ajuste estrutural do Banco Mundial em vários países em desenvolvimento enfraqueceram as estruturas de saúde que nos anos subseqüentes poderiam ter ajudado a impedir o avanço do HIV (Altman 2001: 72).

5.2 Migração Transnacional

Um outro aspecto da relação entre globalização e HIV/AIDS encontra-se no caráter transnacional da epidemia. Em sua essência esta é uma epidemia viajante que move-

se, sem distinção, além fronteiras. Sendo um vírus, o HIV viaja com os humanos que o carregam por quaisquer meios de transporte para qualquer parte do globo. Qualquer mobilidade humana implica o risco de transporte do vírus HIV. Conseqüentemente, a multiplicação recente dos comitês nacionais de alto nível para combate ao HIV/AIDS somente fará sentido na medida em que as tendências migratórias tanto em nível interno quanto transnacional sejam contempladas nos programas que esses comitês nacionais desenvolvem.

Um aspecto desse caráter transnacional do HIV/AIDS é refletido na crescente internacionalização do comércio de drogas e sexo, o qual conduz a um rápido alastramento do HIV na Ásia Meridional, por exemplo (Altman 2001: 71) e Europa (Amon et al, 2003). Com altas taxas de incidência nas populações em geral de muitas localidades, a epidemia espalha-se através de diferentes formas de movimentação ou 'viagem', sejam elas trabalhadores sazonais, migrações, etc. Na Dinamarca, por exemplo, um dos aspectos mais significativos do aumento moderado da incidência do HIV vista em anos recentes tem origem nos imigrantes de alguns países africanos que chegaram à Dinamarca na condição de portadores do HIV.

5.3 Mecanismos Globais de Resposta

Atualmente, o Banco Mundial permanece, junto com o Fundo Global, entre os *players* mais importantes no combate global ao HIV/AIDS. A globalização do bem-estar humano reflete uma forte ampliação na forma como a epidemia de HIV/AIDS é concebida, e quais respostas são propostas. O primeiro mecanismo de resposta global foi o programa global de AIDS estabelecido pela OMS em 1986, o qual concentrava-se nos aspectos biomédicos e de saúde na luta contra o HIV/AIDS. Em 1995 a UNAIDS foi fundada, co-patrocinada por sete das maiores agências das Nações Unidas (incluindo UNICEF, UNDP, OMS, UNESCO e o Banco Mundial). Embora limitada por um orçamento muito reduzido, a UNAIDS tem tido um papel instrumental na contribuição para o debate internacional sobre HIV/AIDS; também tem sido inovativa no campo da comunicação, sugerindo um referencial em comunicação que procura fortalecer o argumento de situar os programas de HIV/AIDS em cinco contextos: políticas governamentais, condições sócio-econômicas, gênero, cultura e espiritualidade. Isso tem conduzido a um rico debate e muitas contribuições adicionais posteriores, principalmente da Fundação Rockefeller (1999), DFID (Skuse 2003) e do Instituto PANOS (2001).

Em 2001 o Fundo Global para o combate ao HIV/AIDS, malária e tuberculose foi fundado, logo após a Assembléia Geral Extraordinária das Nações Unidas em junho de

2001. Esse fato tem contribuido para o levantamento de fundos adicionais. Finalmente, a USAID está atualmente dando alta prioridade ao combate ao HIV/AIDS. Apesar de a UNAIDS e o Fundo Global serem organizações inter-governamentais importantes, a resposta global segue sendo um campo minado de diferentes interesses nacionais, organizacionais, profissionais e pessoais, resultando em problemas de falta de coordenação, duplicação de esforços, mensagens e esforços contraditórios.

O que muitos dos programas de combate ao HIV ainda negligenciam é o problema de como integrar diferentes referenciais epistemológicos e entendimentos sobre a doença (Altman 2001: 73). Entretanto, o referencial conceitual da UNAIDS de 1999 destacou a necessidade de reconhecer e contemplar os diferentes sistemas de crenças sobre a saúde.

5.4 Globalização Cultural

Para além da ênfase do referencial conceitual da UNAIDS em indicar múltiplos contextos a serem levados em consideração, a natureza do problema do HIV/AIDS está de forma mais ampla ligada à dimensão cultural da globalização: Arjun Appadurai, na formulação de sua *teoria da ruptura*, explora a relação entre globalização e modernidade. Nesse exercício ele enfatiza duas questões características da ruptura - ou transformação - ora em curso na sociedade: a migração em massa e a mediação eletrônica. O antropólogo indiano vê esses dois fenômenos como interconectados e ambos afetando o 'trabalho da imaginação' como uma característica constitutiva da subjetividade moderna (Appadurai 1996: 3). Appadurai argumenta que a mídia eletrônica 'oferece novos recursos e novas disciplinas para a construção de seus imaginários e mundos imaginários'. Em justaposição com as migrações em massa, sejam elas forçadas ou voluntárias, o resultado, ele argumenta, é 'uma nova ordem de instabilidade na produção das subjetividades modernas' (ibid: 4).

O HIV/AIDS possui uma conexão com essa 'nova ordem de instabilidade', articulada por essas forças de mediação e movimento. Em primeiro lugar, o HIV/AIDS impacta e é impactado pela mediação eletrônica e pela movimentação física. Com a migração, o HIV viaja. Com a mídia eletrônica diferentes representações da sexualidade, do amor e de relacionamentos, sejam elas americanas, nacionais ou internacionais, viajam pelo globo, alcançando também os países com alta taxa de incidência da doença da África Meridional e Oriental. A nova ordem de instabilidade é, por um lado, afetada pela existência do HIV/AIDS, uma ameaça existencial e letal para todos sem distinção, ameaçados que estão na mais íntima de suas ações - a das práticas

sexuais. Na medida em que tratam substancialmente de questões envolvendo a sexualidade, o amor e os relacionamentos, partes substanciais do fluxo da mídia consistem em representações discursivas desses assuntos - discursos que interagem com seus públicos e contribuem para a articulação das subjetividades modernas. O trabalho da imaginação, assim colorido pelo cotidiano *e* por mundos simbólicos mediados, enrola um novelo sofisticado de sentimentos contraditórios, funde experiências vividas e mediadas, e torna-se um filtro dos atuais processos de globalização cultural.

Nesse contexto, os processos do imaginário, e em especial o papel do entretenimento, tornam-se um fator a ser considerado no desenho de respostas ao HIV/AIDS. Trata-se de fato de uma questão com a qual muitas estratégias novas estão trabalhando: como explorar a popularidade de gêneros internacionais como as novelas, programas de entrevistas e programas musicais, objetivando educar, informar sobre e mobilizar contra o HIV/AIDS. Estratégias inovadoras podem ser vistas no trabalho da ONG *Puntos de Encuentro* na Nicarágua (Rodriguez, no prelo), com a *Soul City* na África do Sul (www.soulcity.za) e no *Femina Health Information Project* na Tanzânia (Tufte 2002). No entanto, um aspecto crítico a ser analisado em maior profundidade é como os gêneros - populares e explorados no combate ao HIV/AIDS - representam questões de relacionamentos, amor e sexualidade. Possivelmente, esses discursos possuem um impacto negativo sobre a 'nova ordem de instabilidade' que as pessoas estão vivendo e experimentando. Um exemplo importante de entretenimento educativo televisionado, que marca uma ruptura, é a novela Tsha-Tsha, que é baseada na filosofia de conscientização de Paulo Freire (Kelly 2002, Freire 1972).

6 PARADIGMAS NA COMUNICAÇÃO EM HIV/AIDS

Estratégias de comunicação podem ajudar a deter a epidemia e, certamente, podem desacelerar seu alastramento. Um passo fundamental é a conscientização de que a epidemia não é apenas um problema biomédico e de saúde. Mais do que isso, representa um problema político, um problema cultural, e um problema sócio-econômico; um problema que a comunicação e a mudança de comportamento podem ajudar a abordar, e possivelmente resolver.

(...) o que é realmente necessário para mudar o mundo é uma integração das descobertas biomédicas de base científica com intervenções e defesas baseadas na ciência da comunicação. A Conferência Barcelona de 2002 marcou o surgimento de intervenções e políticas das sombras da ciência biomédica. Apenas quatorze conferências bianuais sobre AIDS foram necessárias para se chegar à essa conclusão

óbvia. Uma vez que a epidemia mundial seja redefinida mais precisamente, então sua solução poderá ser alcançada (Singhal and Rogers 2003: 388-389).

Arvind Singhal e Everett Rogers, em seu livro *Combating AIDS - Communication Strategies in Action* (Combatendo a AIDS - Estratégias de Comunicação em Ação), realizaram uma análise minuciosa de uma ampla gama de estratégias de comunicação que foram implementadas em países ao redor do mundo. Sua citação acima indica dois pontos que fazem parte de seu capítulo de conclusão: primeiro, a citação destaca o fato de que o HIV/AIDS necessita ser melhor compreendido, para além de um mero problema de saúde. Segundo, a citação enfatiza a relevância das estratégias de comunicação baseadas em comunicação orientada para a mudança de comportamentos. O primeiro ponto demonstra o argumento que tento mostrar neste artigo, colocando a discussão sobre HIV/AIDS dentro da discussão sobre a globalização - considerando a natureza e características tanto dos aspectos econômicos, quanto dos aspectos culturais e políticos da globalização.

O apelo de Singhal e Rogers por uma comunicação orientada para mudanças de comportamento (BCC, em inglês) atinge a essência da minha segunda questão levantada neste artigo, a dos paradigmas em comunicação: *que abordagem de comunicação deveria orientar nossa estratégia de solução de problemas nos esforços de prevenção ao HIV/AIDS?* No âmbito das experiências feitas até o momento, dois paradigmas principais competem pelo domínio do campo da comunicação em HIV/AIDS. Sendo assim, a comunicação em HIV/AIDS pode ser vista como um sub-campo do campo mais abrangente da comunicação para o desenvolvimento. Muitas publicações sobre comunicação em HIV/AIDS também surgiram inseridas no campo mais específico da comunicação em saúde. Uma característica conjunta de muitos desses escritos tem sido seu uso de modelos de comunicação que se originam no paradigma difusionista. Baseado no livro clássico de Everett Rogers de 1962, *Diffusion of Innovations* (Rogers 1960/1995), o que chamo de paradigma difusionista refere-se à teorias psicológicas e psicossociais, teoria da comunicação persuasiva, teoria da prendizagem social e teoria do jogo. Por exemplo, o marketing social e as primeiras formas de entretenimento-educação, ambas usadas extensivamente na comunicação em HIV/AIDS, baseiam-se fundamentalmente nesse paradigma (Tufte 2001). Esse paradigma da comunicação enfatiza a mudança de comportamento individual.

Por outro lado, temos o paradigma participativo. Este tem origens na teoria da comunicação dialógica e pedagogia libertadora de Paulo Freire (Freire 1972) e refere-se substancialmente às práticas de comunicação alternativa vistas nos movimentos sociais e ONGs. Esse paradigma comunicacional é baseado mais no princípio do diálogo,

é orientado para a comunidade, e compreende os processos participativos e o empoderamento como objetivos a serem alcançados nas práticas comunicativas (para apresentações mais elaboradas desses paradigmas veja Tufte 2001, Waisbord 2001 ou Morris 2003).

Em muitos casos, observa-se que as instituições possuem uma opinião formada sobre como abordar o problema, orientada em direção a um desses paradigmas. Por exemplo, o Centro de Programas de Comunicação da Universidade Johns Hopkins é predominantemente orientado para BCC (*Behaviour Change Communication* - Comunicação para Mudança de Comportamento) enquanto que o Instituto PANOS é predominantemente orientado para o paradigma participativo.

6.1 Comunicação para Mudança Social

Na *Mesa Redonda Internacional sobre Comunicação para o Desenvolvimento* realizada em Manágua, em novembro de 2001, organizações-chave das Nações Unidas, ONGs e especialistas reuniram-se para discutir a comunicação em HIV/AIDS. Nesse encontro, o Instituto PANOS estruturou em um documento suas discussões sobre as três maiores abordagens para a comunicação em HIV/AIDS: 1. Comunicação para Mudança de Comportamento; 2. Comunicação Advocativa ou Defensiva, e 3. Comunicação para Mudança Social.

Esse debate internacional, em conjunto com vários debates posteriores, tem nos anos recentes centrado discussões sobre estas três diferentes abordagens para a comunicação em HIV/AIDS: primeiramente, a *comunicação para mudança de comportamento*. Esta tem sido a abordagem tradicional na comunicação em HIV/AIDS, focando na mudança individual de comportamento e freqüentemente baseada no entendimento do problema como sendo falta de informação. Baseada em teorias difusionistas, essas iniciativas constituem-se com freqüência em campanhas de mídia de massa que difundem informação na esperança de que, sabendo mais, as pessoas modificarão seu comportamento. Experiências em muitos países estão mostrando, no entanto, que as pessoas têm um conhecimento fatual cada vez maior sobre HIV/AIDS, mas que isso não está causando mudanças de comportamento. Assim, o debate direciona-se cada vez mais para as outras duas abordagens: comunicação advocativa ou defensiva e comunicação para a mudança social. *Comunicação advocativa* lida com o objetivo específico de advogar os problemas e direitos relativos ao HIV/AIDS, tais como os direitos dos portadores do vírus, dos órfãos e de crianças vítimas de abuso. *Comunicação para a mudança social* é o termo usado onde as causas subjacentes do

HIV/AIDS podem ser reconhecidas: pobreza, desigualdade de gênero, desemprego, etc. Seguindo esse princípio, a comunicação em HIV/AIDS deve obrigatoriamente abordar os determinantes estruturais que conduzem à situações como essas; é também freqüentemente baseada em processos participativos onde questões de empoderamento e direitos humanos estão no centro das preocupações.

O que a mesa-redonda de Manágua demonstrou foi um número de questões não resolvidas: primeiro, houve um *consenso discursivo* claro sobre terminologia - todos falando da necessidade de abordagens participativas. No entanto, tirando-se o verniz, uma falta de claridade conceitual e definições claras tornou-se evidente: como definir participação, mudança social, mobilização e outros conceitos-chave. Segundo, não houve quaisquer *objetivos imediatos uniformes* quando falou-se sobre combater o HIV/AIDS com comunicação. Obviamente, a redução do HIV/AIDS foi o objetivo a longo prazo sobre o qual todos concordaram; mas tal objetivo deveria requerer mudança social mais profunda, mudança individual de comportamento, mudança política ou outras formas de mudança (culturais, legais, econômicas,etc)? Finalmente, muitas *metodologias diferentes* foram aplicadas nas estratégias de comunicação apresentadas, refletindo a ampla diversidade de abordagens na comunicação e prevenção ao HIV/AIDS (veja comminit.com para a declaração da mesa-redonda).

Um vazio importante, o qual é aparente no campo das práticas comunicativas, é o fraco elo entre as práticas de comunicação para o desenvolvimento (sob a qual a comunicação em HIV/AIDS se localiza) e os avanços na teoria da comunicação. Os *insights* conceituais e metodológicos gerados dentro da perspectiva da análise qualitativa da audiência a partir de meados da década de oitenta e adiante, por exemplo, não se conectam com as práticas de comunicação em HIV/AIDS. Nesse contexto, o desenvolvimento dos Estudos Culturais como um campo interdisciplinar na academia ainda possui ressonância limitada no âmbito da prática comunicativa, apesar do crescente reconhecimento da cultura como fator determinante. A interdisciplinaridade dos Estudos Culturais, a compreensão das práticas de recepção das audiências e as abordagens integradas da Economia Política com os Estudos Culturais são todos campos que podem muito bem contribuir para a redefinição do campo da comunicação e prevenção ao HIV/AIDS.

Por fim, como anteriormente mencionado, a bibliografia crescente que explora o papel da mídia e da comunicação no processo de globalização cultural é também um conjunto de conhecimentos ainda desconectados das questões de identificação e solução do problema no combate ao HIV/AIDS. Um relacionamento mais próximo entre teoria e prática deveria ser incentivado. A junção de anos de experiência da análise

qualitativa da recepção das audiências e da etnografia das audiências no campo da comunicação para o desenvolvimento pode ajudar a mover o foco dos profissionais em comunicação do relacionamento estreito entre texto e audiência, visto com freqüência, para a análise interdisciplinar mais ampla da relação dinâmica entre mídia e comunicação com as práticas sociais e culturais - e comportamentos - do cotidiano.

7 CONCLUSÃO

Muitas organizações e especialistas têm argumentado em favor da contextualização da comunicação em HIV/AIDS como forma de melhorar o impacto das intervenções (UNAIDS 1999, Panos 2001, Fox 2003). Da mesma maneira, muitas organizações e especialistas têm chamado a atenção para a necessidade de pesquisas melhores, tanto formativas quanto somativas (Soul City 2002, Bouman 1999, Panos 2001). No entanto, este artigo buscou apontar um desafio mais profundo para a comunicação em HIV/AIDS: explorar as conseqüências da globalização sobre as subjetividades modernas e analisar como de que maneira essa questão impacta a segurança ontológica entre os públicos-alvo. Conseqüentemente, o desafio está também em redefinir o paradigma comunicacional a partir do qual basear o desenvolvimento de estratégias concretas.

Colocando esquematicamente, este artigo é um chamado por mais pesquisa básica - devemos mover-nos para além da necessidade apenas por pesquisa aplicada, embora isto *seja* urgentemente necessário. Pesquisa básica, que explore questões mais amplas como as que expusemos aqui também é igualmente necessária. Parafraseando o que o então diretor-executivo do Instituto Panos, James Deane, declarou em uma conferência alguns anos atrás: o HIV/AIDS exige tanto respostas rápidas quanto intervenções de longo prazo. Traduzido em termos de necessidades de pesquisa, isso poderia grosseiramente ser entendido tanto por um chamado por melhores pesquisas aplicadas como por um chamado por pesquisa básica que explore as questões subjacentes mais profundas - e as relações entre - o trabalho da identidade (subjetividades), a globalização e o alastramento do HIV/AIDS.

Jesús Martín-Barbero, autoridade latino-americana em comunicação e cultura, tem refletido sobre como as identidades modernas se articulam, e num artigo de 2002 fez uma afirmação que é relevante para o argumento que defendo neste artigo: que as histórias de sucesso (comunicação em HIV/AIDS) são apenas possíveis quando atingem a identidade e os aspectos culturais do público. Nas palavras de Martín-Barbero:

As identidades modernas - ao contrário daquelas atribuídas a uma estrutura pré-existente como a nobreza ou a classe trabalhadora - são construídas no reconhecimento

por outros (...). A fim de que a pluralidade da cultura do mundo seja politicamente levada em consideração, é indispensável que a diversidade das identidades seja contada, narrada. Essa relação entre a narração e a identidade é constitutiva: não há identidade cultural que não seja narrada.

Dessa forma, a atual instabilidade das subjetividades modernas, e as subjacentes causas dessa instabilidade, devem ser capturadas e narradas - essa é a condição contemporânea do trabalho da identidade do qual o comportamento humano surge. Sendo assim, trata-se de um dos mais importantes, senão o mais importante desafio comunicacional na prevenção do HIV/AIDS.

ABSTRACT

This article aims to outline the interrelationship between the process of globalisation and the spread of HIV/AIDS. For this purpose, the article parts from the hypothesis given by the Indian-American anthropologist, Arjun Appadurai, in arguing that mass migration and electronic media development are key elements contributing to the growing feeling of instability in the production of modern subjectivities. I term this feeling as 'ontological insecurity'. The article thus argues an interconnection between the global development process, the spread of HIV/AIDS and the existential feeling of ontological insecurity. Given this introduction, the article assesses the key challenges of HIV/AIDS communication and prevention within the overarching context of economic and cultural globalisation and explores what consequences the above issues will have for the practice of HIV/AIDS communication.

REFERÊNCIAS

Altman, Dennis. 2001. Global Sex. The University of Chicago Press. London and Chicago.

Amon, Joseph, Gerard Bowers, Timothy Clary, Harriett Destler and Thomas Tufte. (2003) USAID/Ukraine HIV/AIDS Strategy 2003-2007. The Synergy Project, Washington.

Appadurai, Arjun. 1996. Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalisation. London and Minnesota: University of Minnesota Press.

Baumann, Zygmunt. 1998. Globalisation. London: Routledge.

Danida. 2001. Analysedokument. www.um.dk.

Fox, Elisabeth. Managing Communication for Development. Notes da apresentação de Elisabeth Fox no IADB Development Communication seminar, 1.julho. 2003. www.comminit.com.

Freire, Paulo. 1972. Pedagogy of the Oppressed. Harmondsworth: Penguin.

Kelly, Kevin. 2002. Personal conversation. Grahamstown, South Africa, October 2002.

Martin-Barbero, Jesus. 2002. Desencuentros de la sociabilidad y reencantamientos de la identidad. Analisi, 2002, num.29. p: 45-62. Bellaterra: Universidad Autonoma de Barcelona/Server de Publicaciones.

Morris, Nancy. 2003. A Comparative Analysis of the Diffusion and Participatory Models in Development Communication. Journal of Communication Theory.

Panos. Background Document to the International Communication for Development Roundtable. Managua, November 2001. www.comminit.com/roundtable2/indez.html.

Singhal, Arvind and Everet Rogers. 2003. Combating AIDS. Communication Strategies in Action. London and New York: Sage.

Skuse, Andrew. 2003. Communication, Education and HIV/AIDS. A Guidance Note. Rascunho. Preparado por Dr. Andrew Skuse, Departmento de Anthropologia, University of Adelaide, para DFID (Department for International Development, UK).

Rodrigues, Clemencia (no prelo). Puntos de Encuentro – Communicating for Social Change. In: Oscar Hemer and Thomas Tufte (eds). Communication for Social Change – Towards a New Communication Paradigm. University of Göteborg: Nordicom.

Rogers, Everett. 1960/1995. Diffusion of Innovations (4th edition). New York: Free Press.

Tufte, Thomas. 2001. Entertainment-Education and Participation – Assessing the Communication Strategy of Soul City. In: Journal of International Communication. IAMCR/Macquarie University: Sydney. Vol 7:2, 2001: 25-51.

Tufte, Thomas. 2002. Femina Health Information Project. September 1999 – January 2002. An Evaluation. Stockholm: SIDA.

Tufte, Thomas. 2003. Soap Operas and Sense-Making: Mediations and Audience Ethnography. In: Michale Cody, Arvind Singhal, Miguel Sabido & Everett Rogers (eds). Entertainment-Education Worldwide: History, Research and Practice. New York: Lawrence Erlbaum Associates.

UNAIDS. Airhihenbuwa, C.O., Makina, B. Frith, M & Obregon, R. (Eds). 1999. Communications Framework for HIV/AIDS: A new direction. Geneva.

UNAIDS. 2003. www.unaids.org

Waisbord, Silvio. 2001. Family Tree of Theories, Methodologies and Strategies in Development Communication: Convergences and Differences. Prepared for Rockefeller Foundation.

www.comminit.com/roundtable2/indez.html. Declaration: International Communication for Development Roundtable. Managua, November 2001.

www.media.ku.dk/HIVAIDSComm

www.soulcity.za

Zalduondo, B.O. de. March 2001. Second Generation HIV/AIDS Communication: Applying Lessons Learned. Presentation to USAID, Washington.

(1) Artigo apresentado na 11ª Conferência da FELAFACS, Porto Rico, 4-8 de outubro de 2003.

(2) Traduzido do original em inglês por Sandra Rúbia da Silva - mestranda do PPGCOM/UFRGS.

(3) Baseio este julgamento em minha experiência como consultor em comunicação e prevenção ao HIV/AIDS junto à DANIDA. Portanto, tendo participado no desenvolvimento de diferentes programas setoriais em Moçambique, Zâmbia e América Central, tive a oportunidade de experimentar o que pode ser chamado de "a pragmática da prática do desenvolvimento" , onde limitações de ordem financeira, institucional e também conceitual reduziram a possibilidade de qualquer análise mais elaborada sobre como as respostas à pandemia de HIV/AIDS poderiam ser relacionadas a desafios de desenvolvimento inter-setoriais mais amplos, nos contextos, por exemplo, da globalização e do desenvolvimento regional. No entanto, durante o governo anterior, a DANIDA teve o mérito de ter estabelecido uma Força-Tarefa Internacional de Combate ao HIV/AIDS da qual participei. Durante os três ou quatro encontros ocorridos durante seu um ano de existência (2001 – 2002), uma gama ampla de questões conceituais foram debatidas. No entanto, a ligação com os profissionais não evoluiu até agora.